

O Cemitério do Bonfim: a morte na capital mineira¹

Marcelina das Graças de Almeida²

Abstract

This article takes how principal goal of analysis the "Nosso senhor do Bonfim" Cemetery that is placed in Belo Horizonte City. Opened with the city is one place full of meanings and symbols. And are these features that we can try to show.

Keywords : cemetery , city, symbols.

Resumo

Este artigo toma como objeto central de análise o Cemitério do "Nosso Senhor do Bonfim" situado na cidade de Belo Horizonte. Inaugurado junto com a capital é um local pleno de significados e símbolos. E estes são aspectos que procuramos apontar.

Palavras - chave : cemitério, cidade , símbolos.

Ao analisar, na década de 60, o processo de formação e organização das cidades Lewis Mumford³ afirma que a preocupação com a morte é uma característica inerente ao ser humano. Em suas análises acrescenta que : "(...) em meio às andanças inquietas do homem paleolítico, os mortos foram os primeiros a ter uma morada permanente: uma caverna, uma cova assinalada por um monte de pe-

¹ Este texto é subproduto das pesquisas realizadas durante o ano de 1995 como parte do projeto "UM SÉCULO DE HISTÓRIA DAS ARTES PLÁSTICAS EM BELO HORIZONTE", coordenado pela Profa. Marília Andrés Ribeiro e Fernando Pedro da Silva da C/arte Projetos Culturais. Foi apresentado , na categoria de comunicação livre com o título "Cemitério do Bonfim : os emblemas da morte no universo urbano" , durante o X Encontro Regional de História - ANPUH , realizado em Mariana em julho de 1996, desde então passou por diversas reformulações.

² Mestre em História pela Universidade Federal de Minas Gerais e professora da rede municipal de ensino de Belo Horizonte desde 1992.

³ MUMFORD, Lewis. *A cidade na História suas origens, suas transformações, suas perspectivas*. Belo Horizonte : Editora Itatiaia Ltda, 1965. Vol. I. p.15

dras, um túmulo coletivo." Era um lugar de retorno, visita e encontro e assim a "a cidade dos mortos" é a precursora das cidades dos vivos, enquanto núcleo organizado e estruturado de compartilhamento e agrupamento humano.

As formulações de Mumford nos permitem refletir acerca da importância dos cemitérios na configuração das cidades e desta forma questionar sua utilidade como fonte histórica reveladora de aspectos ligados à vida e à morte dos moradores dessas cidades. Investigando o universo das "cidades dos mortos" é possível encontrar caminhos que nos levam a entender melhor as relações entre os vivos. Podemos perceber as atitudes e gestos humanos em relação à morte, à perda, ao esquecimento e ao eterno. Questões afetivas e simbólicas que se expressam através de formas múltiplas, incluindo - se neste rol a arte escultórica⁴ cristalizada na arte tumular.

Na realidade ao enveredarmos por este tema, estamos trilhando caminhos que foram abertos por outros pesquisadores que elegeram a morte como objeto de pesquisa. Trata - se de um tema que vem cada vez mais despertando interesses. A este respeito devemos destacar os trabalhos desenvolvidos por Philippe Ariès e Michel Vovelle⁵. Ariès em uma obra publicada, inicialmente na década de 70, dissecou as atitudes dos homens diante da morte revelando que "(...) as transformações do homem diante da morte são extremamente lentas por sua natureza ou se situam entre longos períodos de imobilidade."⁶ Partindo da concepção medieval que tratava a morte como algo familiar e coletivo aguardada com resignação pelo homem medievo, nos mostra como brotaram as transformações na consciência e atitudes dos homens e que redundaram numa concepção mais dramática e pessoal em relação à morte. Identifica, também, o século XVIII como um momento em que a medicalização, as medidas sanitárias e laicizantes imprimem uma nova tradição naquilo que toca o homem e seu destino. Conclui suas análises revelando que "(...) uma característica significativa das sociedades mais industrializadas é que nelas a morte tomou o lugar da sexualidade como interdito maior."⁷

⁴ Confira estas possibilidades que são levantadas na seguinte obra : VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. São Paulo : Editora Brasiliense, 1987. p.127-150. Sobre a Morte.

⁵ Cf. : ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1977.

_____. *O Homem Diante da Morte*. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1990. 02 volumes

VOVELLE, Michel. Op. Cit.

_____. *Imagens e Imaginário na História Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XIX*. São Paulo : Editora Ática, 1997.

⁶ ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1977. p. 13

⁷ ARIÈS, Philippe. Op. Cit. p. 173

Por outro lado Vovelle ao se debruçar sobre a história da morte pretendeu "(...) partindo da morte e das atitudes coletivas (...) reencontrar os homens e compreender suas reações diante de uma passagem que não admite fraudes."⁸ Imbuído deste objetivo desenvolveu pesquisas que envolvem a visão da morte e o purgatório, a piedade barroca, o imaginário e mentalidades que norteiam o homem e sua lida com o perecer. Em seu ponto de vista a história da morte deve ser entendida de forma vertical e sob dois níveis deve ser encarada: a morte consumada e a morte vivida. Afirma que "(...) o primeiro nível - a 'morte consumada' - se impõe por si mesmo: é o fato bruto da mortalidade."⁹, sendo condicionada pelas questões históricas, geográficas, étnicas, sexuais, entre outros. Entretanto a morte consumada é o nível que leva ao próximo estágio - a morte vivida. Segundo o pesquisador "(...) a 'morte vivida' (...) é, primeiramente, toda a rede de gestos e ritos que acompanham o percurso da última agonia, ao túmulo e ao outro mundo."¹⁰. Em sua visão a história da morte tem um lugar importante no foco da história das mentalidades, mas ao mesmo tempo revela - se como um tema fundamental na história social. Afirma então que:

"(...) a história da morte (...) revela suas dificuldades como uma história de silêncios. O peso do silêncio se verifica em dois níveis. Primeiro, no campo comum a todos os que se esforçam, no campo da história social e da história das mentalidades, tanto para dirigir seu olhar às massas anônimas quanto aos poderosos do mundo. Apesar do que repetiram as velhas artes de morrer ou as danças macabras sobre a morte niveladora e equalizador, que reduz todos os homens ao mesmo destino, nada há de mais desigual ou desigualitário do que a última passagem. Os vestígios que ela deixa são testemunhos para os ricos, porém muito menos para a massa anônima dos pobres (...)"¹¹

E assim destaca a existência do silêncio como uma barreira ao estudo do tema, bem como questiona o seu aspecto equalizador dos homens ante seu fim último. Os silêncios em relação à história daqueles que não tiveram oportunidade de registrar de alguma forma suas concepções e visões em relação à morte é um dado a ser considerado. Outro gênero

⁸ VOVELLE, Michel. Ibid. p. 138

⁹ VOVELLE, Michel. Ibid. p. 130

¹⁰ VOVELLE, Michel. Ibid. p. 131

¹¹ VOVELLE, Michel. Ibid. p. 137 - 138

de silêncio destacado por Vovelle é o que ele denomina 'silêncio voluntário', ou seja "(...) *quando os homens se calam sobre sua morte(...)*"¹², revelando a dificuldade de se obter uma história total acerca do tema e ao mesmo tempo mostrando o quanto é desafiador, ao lidar com fragmentos, projetar uma compreensão mais ampla da realidade social.

No Brasil, nos últimos tempos, a preocupação em relação ao tema da morte vem interessando antropólogos, sociólogos e psicólogos e pouco a pouco, conquista o interesse dos historiadores que, aproveitando - se das possibilidades que a interdisciplinaridade oferece tem buscado compreender os homens e suas ações no tempo e no espaço, não apenas a partir de suas atitudes em vida, mas analisando e compreendendo o universo complexo e rico que envolve a morte e sua representação.

Vale, aqui, ressaltar alguns títulos que lidam com o tema. Destacamos inicialmente a obra do pesquisador Clarival do Prado Valladares ¹³ na qual elabora um levantamento acerca das manifestações artísticas presentes nos cemitérios brasileiros, ressaltando sua relação com o tecido social na qual se insere. Trata - se de um abrangente estudo sobre os cemitérios e devido a este caráter não há um aprofundamento específico em relação a um ou outro local, mas o autor aponta aspectos significativos relacionados à arquitetura tumular no Brasil. Esta obra foi publicada no início da década de 70, sendo que a partir da década seguinte algumas obras significativas passaram a configurar a produção historiográfica brasileira. Destacamos algumas destas publicações.

A coletânea de textos organizada por José de Souza Martins ¹⁴ reúne estudos e interpretações diferenciadas sobre a morte e em seu ponto de vista a pertinência do trabalho é compreensível pois "(...) *a concepção da morte revela a concepção da vida. Uma sociedade para a qual a morte já não tem sentido, é também uma sociedade, como dizia Weber, que perdeu o sentido da vida.*"¹⁵ Assim são discutidos, entre os vários artigos, questões relacionadas à modernização do modo de morrer, a relação com a medicina, a visão dos médicos face ao convívio com a morte. Apresenta uma avaliação sobre a história da morte, sendo destaque o artigo de Maria Luíza

¹² VOVELLE, Michel . Ibid. p. 138

¹³ VALLADARES, Clarival do Prado. *Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros*. Um estudo da arte cemitérial ocorrida no Brasil desde as sepulturas de igrejas e as catacumbas de ordens e confrarias até as necrópoles secularizadas. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972. 02 volumes.

¹⁴ MARTINS, José de Souza (org.) *A Morte e os Mortos na Sociedade Brasileira*. São Paulo : Hucitec, 1983.

¹⁵ MARTINS, José de Souza (org.) Op. Cit. p. 9

Marcílio¹⁶ no qual faz um balanço da produção historiográfica e ressalta as pesquisas implementadas pelos franceses bem como a produção nacional. Destaca as fontes e toma os testamentos como um exemplo concreto para compreensão da temática.

A literatura é apresentada, também, como uma fonte possível nas análises de Cláudio Bertolli Filho e José Carlos Sebe Bom Meihy¹⁷ ao estudar a produção literária de Lima Barreto. Afirmam os estudiosos:

*"(...) pressupõe - se que existam momentos em que os símbolos da morte, toda ritualização que cerca o complexo entendimento deste fenômeno na sociedade, sejam transpostos para as análises literárias, valorizando 'lá négacion et son contrarie'. Para se compreender, em um sentido amplo, o significado da morte, é preciso admiti - la como fato social em um quadro mais abrangente, não registrado apenas no momento de sua caracterização."*¹⁸

Daí a utilização da literatura como "obra do pensamento" para o desvendamento e reflexão acerca do tema da morte. Mas se a literatura é uma fonte alternativa para aprofundarmos nossos conhecimentos sobre a morte, outras tornam - se possíveis é o que afirma Maria Luíza Marcílio ao acrescentar que *"(...) o estudo dos cemitérios, da arte funerária, das inscrições fúnebres, também podem revelar comportamentos e atitudes de épocas mais recentes."*¹⁹ Esta possibilidade destacada muito nos interessa exatamente porque é este caminho que desejamos trilhar no avanço do conhecimento das sensações, emoções, imagens, imaginário e idéias que polvilham as mentes humanas perante a morte.

Há alguns trabalhos sobre cemitérios e arquitetura tumular que gostaríamos de comentar. Um deles foi realizado por José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine²⁰ e se revela um exemplo significativo na manipulação deste tipo de fonte. Nesta obra são pesquisados os cemitérios das cidades de Taubaté, Guaratinguetá e Aparecida do Norte. A arquitetura tumular é analisada dentro do período abrangido pela fase agro

¹⁶ MARCÍLIO, Maria Luíza. A Morte de nossos ancestrais. In.: MARTINS, José de Souza. (org.) Ibid. p. 61-75

¹⁷ BERTOLLI FILHO, Cláudio e MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Morte e Sociedade em Lima Barreto. In: Ibid. p. 142 - 169

¹⁸ Op. Cit. p. 144

¹⁹ MARCÍLIO, Maria Luíza Op. Cit. p. 65

²⁰ MEIHY, José Carlos Sebe Bom e LEVINE, Robert M. *Até o encontro na imortalidade : tempo e morte nos cemitérios do Vale do Paraíba*. Aparecida : Santuário, 1983.

- cafeeira até a fase da industrialização na região. São analisadas as características arquiteturais dos cemitérios: quadras, esculturas, epígrafes, além de ser examinada a expansão dos cemitérios através dos estilos dos túmulos e as características do material utilizado na construção tumular como uma possibilidade de compreensão das questões hierárquicas e sociais que se espelham no espaço da morte.

Trabalhando com este mesmo tipo de fonte se relacionam, também, as pesquisas de Harry Rodrigues Bellomo, Maria Elizia Borges e Tânia Andrade Lima²¹. Bellomo apresenta uma avaliação acerca da produção artístico - funerária em Porto Alegre na primeira metade do século XX, abordando - a partir da relação arte funerária e religião e arte funerária e ideologia política.

Por outro lado as pesquisas desenvolvidas por Maria Elizia Borges envolvendo o universo funerário da região de Ribeirão Preto, em São Paulo, nos proporciona uma ampla compreensão da inserção e significado do trabalho realizado pelos marmoristas. Investiga, também, acerca da apropriação de determinados temas dentro do universo funerário, como é o caso da imagem de Nossa Senhora da Piedade, além explorar temas como a infância e a representação do vestuário através da arte tumular.

Tânia Andrade Lima empreende suas investigações movida por outros objetivos. Analisando os cemitérios do Rio de Janeiro elabora um levantamento e estabelece uma tipologia em relação as representações presentes na arte tumular e identifica signos e símbolos reveladores de mudanças em relação o universo social e político no qual são produzidas, especialmente no período em que enfoca suas análises que é demarcado pelo fim do império escravista e a emergência da República na sociedade carioca.

Estes trabalhos são fundamentais para nossa reflexão em relação à arquitetura tumular. Por outro lado a produção historiográfica em relação à morte e aos cemitérios no Brasil pode ser acrescida de outros títulos. A recente publicação de

²¹ BELLOMO, Harry Rodrigues. *A Estatuária Funerária em Porto Alegre (1900-1950)*. Porto Alegre: PUC/RS, 1988. Dissertação de Mestrado.

BORGES, Maria Elizia. *Arte tumular : a produção dos marmoristas de Ribeirão Preto no período da Primeira República*. São Paulo : USP/ECA , 1991. Tese de Doutorado.

_____. Os artistas e a Escultura Cemiterial em Ribeirão Preto. *Revista Italianística*. São Paulo, ano III, n.º 3, p. 85 - 92 , 1995.

_____. *Arte Funerária : apropriação da Pietá pelos marmoristas e escultores contemporâneos*. Goiânia : UFG , s/d . (texto inédito - digitado)

_____. *Arte Funerária : representação do vestuário da criança*. Goiânia : UFG , s/d (texto inédito - digitado)

LIMA , Tânia Andrade. Dos Morcegos e Caveiras a Cruzes e livros a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo : N. Ser. . v. 2 , p. 87 - 150 , Jan./dez 1994.

Alcides Fernando Gussi²² acerca da trajetória dos descendentes de norte - americanos do sul que migraram para o Brasil depois da Guerra Civil, revela o Cemitério do Campo, situado nos limites das áreas rurais das cidades de Americana e Santa Bárbara d'Oeste como local de encontro, celebração e reatualização permanente de lembranças e identidade. O aspecto interessante deste estudo é a possibilidade aberta para enxergarmos o cemitério não apenas como um local da morte, mas especialmente, celebrador da vida e das lembranças coletivas.

Um outro estudo envolvendo a temática cemiterial é a publicação de João José Reis²³ na qual é elaborado um estudo claro e conciso a respeito da morte, dos ritos e das resistências às mudanças, tomando como ponto de referência a Bahia do século passado. O caráter peculiar desta obra é o fato de explorar um episódio que ficou conhecido como "cemiterada". Trata - se de uma revolta contra um cemitério, em 1836, e através da análise deste evento o autor traça todo um universo cultural, afetivo, simbólico e imaginário que permeava as relações do homem baiano naquilo que tange a vida e a morte. É de autoria do mesmo pesquisador o capítulo referente à morte no Brasil Imperial na coleção "História da Vida Privada no Brasil"²⁴. Neste texto o autor avalia como as atitudes em relação à morte e aos mortos foram se transformando ao longo do século dezanove. Ele aponta a importância dos testamentos, dos rituais funerários, os ritos festivos, a transposição da cultura africana para o Brasil e os cemitérios protestantes. O autor conclui suas análises com a seguinte assertiva:

"(...) as mudanças no estilo de morrer refletiram e influenciaram mudanças no modo de pensar e sentir. Estava em curso um movimento de secularização da mentalidade da época, que se expressou em novas formas, não religiosas, de cultivo do espírito - hábitos de leitura, métodos de ensino, teatro etc. - e na difusão de novas formas de associação - grêmios literários, associações de classe etc. - que ocupariam parte do terreno antes quase inteiramente ocupado pelas rezas, igrejas e irmandades. O surto epidêmico de meados do século XIX serviu como catalisador das mu-

²² GUSSI, Alcides Fernando. *Os norte-americanos (confederados) do Brasil - identidades no contexto transnacional*. Campinas: UNICAMP, 1997.

²³ REIS, João José. *A Morte é uma Festa. Ritos Fúnebres e Revolta Popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

²⁴ REIS, João José. O Cotidiano da Morte no Brasil Oitocentista. In.: *História da Vida Privada no Brasil: Império*. Coordenação geral da coleção Fernando Novais; organizador do volume Luiz Felipe de Alencastro. São Paulo: Cia das letras, 1997.

danças que já vinham lentamente trabalhando a mentalidade do século, inclusive no que diz respeito ao modo de morrer.”²⁵

Reis nos alerta, portanto, para as transformações que o homem do século XIX irá vivenciar em relação ao tratamento dado aos mortos e à concepção da morte e enxergamos nesta questão uma oportunidade para se pensar a morte e os mortos na capital mineira.

Belo Horizonte é uma cidade planejada. Construída no final do século XIX irá absorver em suas linhas gerais todo o conteúdo modernizante e modernizador que caracterizou este século, portanto a elaboração de um estudo sobre a vivência da morte e o lugar destinado aos mortos neste novo espaço é algo que nos mobiliza.

Na ocasião em que a cidade foi construída o Cemitério de Nosso Senhor do Bonfim também estava planejado e é a ele que dedicamos nossas investigações. Dentre a bibliografia consultada são raros os textos que mencionam o referido cemitério. Todavia, destacamos aqui, a obra de Clarival do Prado Valladares ²⁶, na qual identifica o “Bonfim” como o reflexo à maneira brasileira do romantismo acadêmico, além de perceber em seu traçado uma representação do traçado da capital, obedecendo o espírito da época em que foram concebidos. Ele reconhece a importância das obras nele inseridas, a presença de artistas - escultores talentosos que passaram pela capital e que possuem obras no cemitério e destaca o período pós década de 30 como o momento em que ocorre uma decadência em relação ao fabrico tumular.

Outro texto relativo ao Cemitério do Nosso Senhor do Bonfim foi desenvolvido por Mariza Cêa Pereira de Mello ²⁷ que em suas análises focaliza a atenção na arte escultural tomando os túmulos e mausoléus do “Bonfim” como objeto de estudo e em especial destaca o trabalho realizado pelo escultor João Scuotto (1902 - 1982), filho de imigrantes italianos que se deslocou para a capital mineira no início da década de 50. Em suas investigações a pesquisadora revela a importância dos sepulcros ao longo da história da humanidade e os progressos vivenciados na arte escultural nesta trajetória. Ao se debruçar sobre a vida e obra do artista Scuotto irá revelar, não apenas sua formação, herança cultural e obras realizadas, mas

²⁵ REIS, João José . Op. Cit. p. 141

²⁶ VALLADARES, Clarival do Prado. Op. Cit.

²⁷ MELLO, Mariza Cêa Pereira de . *Do cemitério de Curral Del Rey ao Cemitério Definitivo - Bonfim*. Belo Horizonte . ESAP/FUMA, 1989. (Pós-graduação em Museologia)

. *João Scuotto e a arte escultural : Cemitério do Bonfim*. Belo Horizonte : FUMA , 1989.

a sua atuação significativa no processo decorativo dos túmulos e mausoléus do cemitério.

A publicação mais recente sobre o Cemitério do Bonfim foi elaborada pelo historiador Eduardo França Paiva²⁸ num artigo em que enxerga a arquitetura funerária como condutora de idéias e ideologias na construção de imagens e do imaginário social. Para demonstrar como as elites políticas mineiras manipularam símbolos e imagens no projeto construtivo da capital, da idéia de nação e do projeto republicano, o autor analisa os mausoléus de dois homens públicos de atuação significativa no cenário político nacional. São eles: Raul Soares de Moura (1877 - 1924) e Olegário Dias Maciel (1855 - 1933). Analisando os elementos simbólicos presentes nos túmulos, alegorias, imagens e dimensão monumental, o autor nos revela que a arquitetura funerária não atende apenas a fins contemplativos / decorativos, mas carrega em si outros significados e intenções que ultrapassam a uma análise superficial dos sentidos da estatuária funerária.

Percebemos, portanto, que investigar a história do Cemitério do Nosso Senhor do Bonfim, sua inserção na capital mineira é um empreendimento que muito pode revelar acerca da cidade e de seus moradores²⁹.

Belo Horizonte é um espaço urbano marcado pela estética moderna que permeava o imaginário urbano no final do século passado, cujo arcabouço de influências e tendências tinha, na Europa, seu suporte maior. A ordenação e demarcação dos espaços é traço marcante dessa estética e deste modo a construção de um cemitério é quase que uma decisão automática e coerente com os planos de um projeto urbanístico ideal. Em relação à construção da capital mineira uma das primeiras medidas tomadas para se concretizar o plano de edificação da cidade foi determinar a proibição de novos sepultamentos no adro da igreja - a Matriz de Nossa Senhora da

²⁸ PAIVA, Eduardo França. *A Nação / República, a Cidade e o Cemitério*. IN: PAIVA, Eduardo França (org.) *Belo Horizonte Histórias de uma cidade centenária*. Belo Horizonte: Faculdades Integradas Newton Paiva, 1977.

²⁹ As primeiras investigações que realizamos em relação ao Cemitério de Nosso Senhor do Bonfim estavam relacionadas às pesquisas implementadas no projeto "UM SÉCULO DE HISTÓRIA DAS ARTES PLÁSTICAS EM BELO HORIZONTE" sendo que após a conclusão foram produzidos um livro no qual consta um artigo que menciona o trabalho dos marmoristas na capital mineira, um CD - ROM e uma fita de vídeo. Cf.: ALMEIDA, Marcelina das Graças de. *Belo Horizonte, Arraial e Metrópole, Memória das Artes Plásticas na Capital Mineira*. In.: *Um século de história das artes plásticas em Belo Horizonte*. Organizadores: Marília Andrés Ribeiro e Fernando Pedro da Silva. Belo Horizonte: C/ARTE: Fundação João Pinheiro. Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1977.

Um século de História das Artes Plásticas em Belo Horizonte. Belo Horizonte: UPSICard, 1997. Coordenação Fernando Pedro e Marília Andrés Ribeiro. CD - ROM

Um século de História das Artes Plásticas em Belo Horizonte. Belo Horizonte: C/ARTE; Rede Minas; Cemig, UPSICard, 1998. Roteiro e direção Mariana Tavares - vídeo

Boa Viagem - ordenando que a partir de então se fizessem num cemitério provisório, projetado pelos técnicos e construtores da cidade³⁰.

O cemitério provisório estava localizado nas proximidades da capela do Rosário, local onde hoje se cruzam as ruas Rio de Janeiro, dos Tamóios, São Paulo e dos Tupis. Estas ruas se localizam dentro do espaço que havia sido delimitado para ser a área urbana da capital mineira. Não se tratava, contudo, de uma atitude coerente com o pensamento da época em relação à localização topográfica dos cemitérios que, conforme nos aponta Jean - Louis Harouel³¹ já eram considerados nocivos desde o século XVIII na Europa e se cogitava a urgência em mantê-los o mais afastado possível dos aglomerados urbanos.

Entretanto o cemitério definitivo situado "extra-muros" já estava sendo idealizado e planejado. Segundo Abílio Barreto³² o cemitério definitivo foi inaugurado no dia 08 de fevereiro de 1897. O Cemitério do Nosso Senhor do Bonfim foi erguido num local mais afastado do centro urbano da capital, ocupando um terreno de aproximadamente 170.036 metros quadrados, num lugar denominado alto dos "Meneses"³³. O Cemitério do Bonfim foi projetado e construído pelos técnicos da Comissão Construtora. Foram responsáveis pelos desenhos e confecção das plantas: José de Magalhães, Hermano Zickler, Hermillo Alves, Aarão Reis, Edgard Nascentes Coelho, Pedro Cunha Macedo, Bernardo Figueiredo e Francisco Bicalho³⁴.

O traçado do cemitério combina com o traçado em tabuleiro de xadrez da capital mineira. Formado por 54 quadras distribuídas entre alamedas e ruas secundárias o espaço da morte repete em sua topografia as hierarquias sociais e o caráter excludente que bem caracteriza a cidade que se inaugurou há um século atrás.

Além da atuação dos técnicos da Comissão Construtora, o Cemitério do Bonfim, contou com a participação de diversos tipos de profissionais que ao decorarem túmulos e mausoléus criaram naquele campo-santo um belo e intrigante espetáculo artístico.

Para Lewis Mumford "(...) o impulso humano no sentido

³⁰ Esta medida se deu entre junho e julho de 1894. Cf. *Comissão Constructora da Nova Capital. Revista Geral dos Trabalhos sob a direção do engenheiro - chefe Francisco Bicalho*. Rio de Janeiro : H. Lombaerts & Cia., agosto de 1895. Vol. II p. 6

³¹ HAROUEL, Jean - Louis. *História do Urbanismo*. Campinas, SP : Papyrus, 1990

³² BARRETO, Abílio. *Resumo Histórico de Belo Horizonte (1701-1947)*. Belo Horizonte : Imprensa Oficial, 1950.p.196

³³ BARRETO, Abílio. *Belo Horizonte Memória Histórica e Descritiva História Média*. Belo Horizonte : Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, L. 1995. p. 602 - 604

³⁴ Os projeto originais do Cemitério Municipal encontram - se guardadas no acervo do Museu Histórico Abílio Barreto em Belo Horizonte.

de criar monumentos duradouros talvez tenha a sua fonte no desejo dos vivos de se perpetuarem, de superar o fluxo e a evanescência de todas as formas vivas.”³⁵ É possível que tenha sido este o pensamento daqueles que encomendaram e daqueles que realizaram o trabalho de decoração do “Bonfim”: eternizarem - se através dos monumentos e alegorias que emblematizam a própria morte. Entretanto Ariès³⁶ nos aponta uma outra possibilidade de compreensão deste culto aos mortos e aos emblemas que personificam o morto e representam a morte. Segundo ele na França de meados do século XVIII ainda predominava um sentimento de desinteresse em relação aos mortos e sua sepultura, entretanto a partir do momento em que um novo modelo de espaço para os mortos passa a ser estabelecido com a predominância de galerias, espaço e arborização, nasce também o sentido da visita ao cemitério, ou seja “(...) este já não é um depósito administrativo, mas objeto de visita. Ainda não é visitado para manter a lembrança dos mortos, mas como um museu de belas - artes e uma galeria de pessoas ilustres.”³⁷ Assim segundo Ariès irá nascer um sentimento novo em relação aos mortos e com a concretização da sepultura privada no século XIX este sentimento se tornará mais forte e a necessidade da manutenção do túmulo como objeto de lembrança e recordação passará a ser fortemente cultuado pelos homens.

Podemos perceber portanto que se a influência francesa se fez sentir na constituição e formação da capital mineira, esta relação também se estabeleceu na cidade dos mortos. Belo Horizonte foi construída, basicamente, por imigrantes, especialmente italianos. Eles trouxeram para a cidade seus conhecimentos, hábitos e influências. Muitos foram os artistas - artesãos que registraram seu talento na decoração da cidade, bem como nos mausoléus e túmulos do “Bonfim”. Desde a inauguração até meados da década de 20 deste século, foi possível identificar alguns nomes. Destacamos entre eles: os irmãos Natali, Carlo Bianchi e João Amadeu Mucchiut.

Os irmãos Natali possuíam uma marmoraria “Nova Marmoraria” no Barro Preto, onde executavam escadarias, mausoléus, cruzeiros, estatuetas e anjos, entre outros objetos e enfeites de arte. Eram chefiados por Oreste Natali (1864 - 1947) a quem coube ensinar o ofício a todos os filhos e atuavam não apenas na construção tumular, mas forneceram seus serviços para várias outras obras que aconteciam na cidade. Os Natali

³⁵ MUMFORD, Lewis. *A Cultura das Cidades*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 1961. p.451

³⁶ ARIÈS, Philippe. *O Homem Diante da Morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. Volume

2

³⁷ ARIÈS, Philippe. Op. Cit. p. 546

são de origem italiana e se instalaram na capital mineira em meados de 1897.

Carlo Bianchi nascido na Itália na segunda metade do século XIX era escultor e trabalhou em diversos locais na capital, entre eles o cemitério. Foi perito em baixos relevos, escadarias, letreiros e florões. Faleceu, em Belo Horizonte, no ano de 1923.

João Amadeu Mucchiut era austríaco, escultor, estudou na Escola Industrial em Trieste na Itália. A sua obra é notável. Realizou trabalhos diversos pela cidade e sua atuação no cemitério é marcante e destaca - se no conjunto decorativo. O artista faleceu no ano de 1938 em Belo Horizonte. Está sepultado no "Bonfim" tendo, curiosamente, iniciado a confecção do próprio túmulo que se encontra inacabado e apesar de não ser um primor em termos estéticos possui um valor histórico de grande relevância para a história da capital.

Ao analisar a produção tumular no Cemitério do Bonfim, Prado Valladares³⁸ identifica algumas características que em seu ponto de vista possibilitam classificar a arte funerária no cemitério belo-horizontino. Segundo ele até a década de 30 muitos túmulos eram trazidos do Rio de Janeiro e São Paulo, o material mais comum era o mármore e seguia - se a estética da belle époque e art nouveau. Muitos túmulos confeccionados com materiais locais e produzidos por escultores locais demonstrando um elevado índice artesanal, além de existir túmulos produzidos com materiais inusitados provenientes da construção civil. Concordamos em parte com as análises de Prado Valladares, especialmente quando afirma que a produção artesanal de várias obras é reveladora de grande qualidade e preocupação estética, mas por ser o único cemitério da cidade até a década de 40, o "Bonfim" ainda foi o local privilegiado para a exploração da arquitetura tumular, sendo que a utilização do bronze em substituição ao mármore passa a ser mais visível exatamente a partir deste período.

A arte tumular não é uma manifestação artística que se caracterize pela originalidade das peças, entretanto é possível, num passeio cauteloso pelas quadras do "Bonfim", identificar obras dotadas de bom gosto estético, algumas delas exclusivas no conjunto de obras que ornamentam o cemitério, além de existir trabalhos criativos que muito depõem a respeito das crenças e expectativas do cidadão belo-horizontino naquilo que se refere à morte, bem como à vida.